



RESUMO EXPANDIDO

HANS JONAS: UMA ÉTICA PRÁTICO-NORMATIVA PARA UMA CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA

AUTOR: Édison Martinho da Silva Difante.

CO-AUTOR: Francielle Moreira Cassol

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar alguns pontos centrais da ética de Hans Jonas tomando como referência principal a obra *O princípio responsabilidade* de 1979. A abordagem jonasiana apresenta um novo dimensionamento ético apto à contemporaneidade a partir do “princípio da responsabilidade”. Nessa medida, por um lado, sua teoria ética pode ser considerada normativa por apresentar princípios que podem ser utilizados nas mais variadas formas de ética aplicada. Por outro lado, a ética jonasiana também pode ser considerada aplicada ou aplicável diretamente à problemas práticos contemporâneos. Além disso, ela influenciou substancialmente no desenvolvimento da bioética atual. Metodologicamente o trabalho traz uma breve abordagem a respeito do princípio responsabilidade, da relação entre poder e responsabilidade, da heurística do medo, e por fim, à título de considerações finais, o novo imperativo moral Jonasiano. O trabalho justifica-se não somente pela importância dessa teoria ética, mas também pela possibilidade de viabilizar estudos interdisciplinares no meio acadêmico.

ESBOÇO DE UMA ÉTICA PRÁTICO-NORMATIVA

Hans Jonas é presença marcante no final de século XX, mais precisamente à aplicação da ética ao contexto da civilização tecnológica. Dentre as suas obras destacam-se *O princípio responsabilidade*, que representa a parte teórica de sua ética e o livro *Técnica, medicina e ética*, que é mais voltado à parte prática de sua ética. Segundo o filósofo contemporâneo, Bacon inicia

uma utopia que perdura até hoje: “saber é poder”. Na perspectiva jonasiana isso se transformou em uma ameaça a toda a forma de vida existente no planeta terra. Seguindo-se da constatação de que o poder dos homens é cada vez maior, e que esse poder muitas vezes coloca em risco o mundo natural e a humanidade em geral, Hans Jonas acredita que produziu-se um vazio ético. O autor levanta uma crítica ao antropocentrismo ético tradicional, pois ela unicamente trabalha na perspectiva de uma possível perfeição humana. Nenhuma ética, segundo Jonas teve de cuidar ou se preocupar com determinados assuntos, como das condições globais da vida humana na terra, nem com o futuro da própria existência, pois não houve necessidade para isso.

O desenvolvimento tecnológico não pode colocar sob hipoteca a sobrevivência e a integridade da espécie humana. Segundo Jonas “[h]ipotecemos a vida futura em troca de vantagens e necessidades atuais a curto prazo [...], na maioria das vezes, em função de necessidades autocriadas” (JONAS, 2013, p. 54). Novas normas éticas fazem-se necessárias, ou seja, uma nova concepção de direitos e deveres morais deve surgir. Existe um mal-estar crescente no planeta, uma sensação de impotência diante do excesso de poder. Novas formas de poder exigem também novas normas éticas. O alcance ampliado do poder humano rompe com antropocentrismo dos sistemas éticos anteriores. A biosfera inteira, em sua revelada vulnerabilidade, perante as excessivas intervenções do homem, reivindica respeito, quer dizer, respeito a todos os seres vivos (JONAS, 2013, p. 55). Isso não significa perder de vista as antigas normas éticas, mas adicionar outras que não foram consideradas.

Para Jonas, responsabilidade implica cuidado e dever, logo, preocupação. Se tradicionalmente responsabilidade remete à imputação de atos cometidos, tanto no âmbito moral quanto legal, derivando daí recompensa e castigo, em Jonas responsabilidade é correlato de poder. Para Jonas o futuro aparece como a dimensão mais típica da responsabilidade, como o objeto prioritário da consciência moral e da ação a realizar (JONAS, 2006, p. 48). Contudo, isso não exclui a responsabilidade para com o presente. Aliás, segundo Jonas, todas as éticas precedentes se orientavam em função do presente” (JONAS, 2006, p. 53). A nova dimensão da responsabilidade concerne ao que ainda não é. Nunca anteriormente a responsabilidade orientada para o futuro foi uma norma. Se no passado a ciência e, com ela, a tecnologia eram bem mais limitadas, decorria também a limitação da responsabilidade.

Para Hans Jonas, no que se refere à responsabilidade para com as gerações futuras, isto é algo indefinido, independe da ideia de reciprocidade. Ademais, é uma responsabilidade sócio-política: recai também sobre as instituições e o Estado. Para Jonas, o melhor Estado, também é o melhor para o futuro, pois seu equilíbrio interno atual garante o futuro. As imperfeições de

uma natureza devem estar incluídas na concepção de uma ordem política viável. “A previsão do estadista consiste na sabedoria e na moderação que ele devota ao presente; esse presente não está aí com vista a um futuro de outra espécie” (JONAS, 2006, p. 53-54).

Uma ética preocupada com o futuro abre a prefiguração de uma situação limite, negativa para a terra e todas as gerações vindouras. Nas palavras do próprio Jonas, “*é necessário dar mais ouvidos à profecia da desgraça do que à profecia da salvação*” (JONAS, 2006, p. 77). A formação antecipada dessa ideia é o primeiro passo. Descrito sob o título de “heurística do medo”, o temor, sentimento considerado debilitante, converte-se em valor, fonte de obrigação ética, um bom substituto para a virtude e sabedoria, pois ele revela o valor do que está sendo ameaçado e induz à responsabilidade e ao cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À título de conclusão, seguem as formulações positivas do novo imperativo moral jonasiano, pois face à civilização tecnológica, novas normas tornam-se necessárias: “Age de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” (JONAS, 2006, p. 47). Além desse: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (JONAS, 2006, p. 48). Hoje, o homem torna-se objeto de sua própria atuação. Temas como meio ambiente, prolongamento da vida, controle de comportamento e manipulação genética, entre outros, podem e devem ser tratados com mais responsabilidade e a ética jonasiana é uma das teorias mais aptas à nortear essa discussão.

REFERÊNCIAS

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

JONAS, H. **Técnica, medicina e ética**: sobre a prática do princípio responsabilidade. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Ethos)